

## **A ABORDAGEM DA METÁFORA EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Noelma Oliveira Barbosa (UFT)  
[noelma\\_barbosa@hotmail.com](mailto:noelma_barbosa@hotmail.com)

### **RESUMO**

Este artigo analisa o trabalho com a metáfora em manuais didáticos do 1º ano do ensino médio. Nele, pretendemos investigar como a metáfora está sendo conceituada e discutida nos livros didáticos de língua portuguesa, que foram avaliados e adotados no âmbito do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD, para o triênio 2015-2017. O *corpus* desse estudo constituiu-se de dois exemplares, nos quais observamos, por meio dos conceitos e exemplos dados à metáfora, os seguintes aspectos: (i) atualização teórico-metodológica, (ii) natureza da abordagem e, (iii) o diálogo entre conceito e ilustração. Constituíram-se aporte teórico para os estudos da metáfora as investigações de Rosa Maria Baptista Amaral (2009), Max Black (1962, 1993), Dieysa Kanyela Fossile (2011a, 2011b), George Lakoff e Mark Johnson (1980), Heronides Murílio de Melo Moura (2007, 2012) e Paul Ricoeur (2000); para os estudos sobre o livro didático, utilizamos os trabalhos de Camila Rodrigues-Silva (2015), Denise Gabriel Witzel (2002) e *Guia do Livro Didático* (2011, 2014) e informações disponíveis no Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. A análise do corpus nos possibilitou verificar que a abordagem tradicional da metáfora ainda está presente, sobretudo, na definição dada pelos manuais. As explanações a respeito das ilustrações, por sua vez, são mais contextualizadas e consideram, quase sempre, as estratégias didático-metodológicas de construção dos sentidos e apreensão dos conteúdos.

**Palavras-chave:** Metáfora. Sentidos. Livro didático.

### **1. Considerações iniciais**

Dado o avanço da linguística nas últimas décadas, educadores vêm se ocupando em estudar a construção dos significados nos conteúdos escolares. A “reflexão sobre a língua e a linguagem, assim como à (re)construção de conhecimentos linguísticos” (BRASIL, 2015, p. 38) vem norteando, consideravelmente, as orientações didático-metodológicas e as novas abordagens dos conteúdos de aula. Muitas dessas pesquisas se voltam à compreensão da construção e interpretação de metáforas.

Por considerar que o livro didático constitui vestígio relevante da estruturação e categorização de conteúdos, bem como das orientações metodológicas que são implementadas em sala, este artigo propõe analisar como a metáfora é conceituada/explicada e apresentada nesses exemplares didáticos. Nossa análise procede-se de maneira descritiva e discursiva, observando quais perspectivas teóricas são consideradas nessa

abordagem.

Os livros selecionados fazem parte de coleções avaliadas e adotadas no âmbito do PNLD 2015 para o 1º ano do ensino médio, no momento, a versão mais recente do programa para essa série. O primeiro exemplar analisado é o *Português Contexto, Interlocução e Sentido*, de autoria de Maria Luiza Marques Abaurre, Maria Bernadete Marques Abaurre e Marcela Pontara, publicado pela Editora Moderna, em 2013. O segundo livro é o *Ser Protagonista Língua Portuguesa*, organizado e publicado por Edições SM, em 2013.

## **2. A metáfora: conceituando**

São muitos os estudos que contribuem com importantes conceituações e problematizações a respeito da metáfora, ao ponto que esta passou a fazer parte do escopo de diferentes áreas do conhecimento. Isso contribuiu para que a metáfora tornasse um assunto bastante estudado e discutido atualmente, uma vez que constitui importante instrumento de cognição e linguístico, útil na captação e desenvolvimento do sentido.

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá*, através da junção de dois elementos que a compõe – *meta* que significa “sobre” e *pherein*, este com a significação de “transporte”. Essa informação sustenta a visão *tradicional* sobre o assunto, a qual é atribuída a Aristóteles, o pesquisador primeiro a desenvolver estudos sistemáticos sobre o assunto (AMARAL, 2009; FOSSILE 2011a, 2011b; RICOEUR, 2000). Nessa visão, a metáfora representaria uma transferência de sentido de um termo para outro, que o substitui (teoria da substituição), através de uma analogia (teoria da comparação). Esse conceito metafórico se restringe apenas ao nível da linguagem e, conforme esses pesquisadores, perdurou até meados do século XX.

Em meados do século XX, surge a *teoria interacionista* como uma explicação alternativa sobre a metáfora, que é dada pelo reconhecimento da dimensão cognitiva da mesma, ignorada até então. Deve-se a Ivor Armstrong Richards (década de 1930) importantes empreendimentos para a formulação da abordagem interacionista da metáfora. A este autor é atribuído o pensamento de que a metáfora ou o enunciado metafórico possui estrutura intrínseca e envolve toda a semântica do enunciado.

A metáfora, para Ivor Armstrong Richards, consiste na relação que estabelece entre os dois termos que forma o enunciado metafórico: o

*tópico* (elemento que predica) e o *veículo* (palavra ou expressão tomada metaforicamente). Para ele, o funcionamento da metáfora se dá a partir da interação, denominada *base*, entre o primeiro termo, que é o *tópico* ou *teor* e o *veículo* (a palavra que contém o sentido metafórico).

Para Dieysa Kanyela Fossile (2011, p. 38), em Ivor Armstrong Richards, a relação linguagem *versus* pensamento é dicotômica, e nessa dicotomia, o pensamento é enfatizado. Assim, inicia “[...] uma longa tradição que separa dois planos na metáfora: o plano conceptual (que relaciona conceitos) e o plano da expressão (as palavras que são usadas para exprimir esses conceitos)” (MOURA, 2008, *apud* FOSSILE, 2011). Essa autora afirma que houve uma fusão, na década de 70, da linha de investigação literária seguida por Ivor Armstrong Richards com o campo da filosofia analítica; sendo Max Black, o principal representante dessa fusão.

Paul Ricoeur (2000) destaca alguns pontos que considera contundentes em *Metaphor* (BLACK, 1962), dois dos quais vale mencionar. O primeiro diz respeito à própria estrutura do enunciado metafórico, que Ivor Armstrong Richards reconhecia através da relação “tópico” – “veículo”. Em Max Black, é um enunciado inteiro que constitui a metáfora, mas a atenção concentra-se em uma palavra particular cuja presença justifica que se considere o enunciado metafórico. A interação ocorre entre o sentido *indiviso* do enunciado e o sentido *focalizado* da palavra.

O segundo ponto que Paul Ricoeur apresenta é concernente ao próprio funcionamento da metáfora. Para essa explicação, Max Black introduz a noção de “sistema de lugares comuns associados”, que é acrescido aos usos literais da palavra que governam as regras sintáticas e semânticas, para formar um *sistema de implicações* próprio a uma evocação mais ou menos fácil e mais ou menos livre.

Max Black (1962) exemplifica esse pensamento com o enunciado “o homem é um lobo”. Segundo ele, a expressão metafórica “lobo” organiza nossa visão de homem (tema principal) por meio da metáfora lobo (foco, tema subsidiário), de forma que esta desloca para o tema principal caracteres que aplicáveis ao tema subsidiário. Assim, a metáfora *suprime* certos detalhes e *acentua* outros, por meio de um *insight*, uma *operação intelectual irredutível*, que informa e esclarece, como nenhuma paráfrase poderia fazer. (RICOEUR, 2000)

Além dessa evocação do *sistema associado de lugares comuns* para explicar o processo de interação, Max Black (1993) admite que as metáforas podem também ser apoiadas por *sistemas de implicações especí-*

almente *construídos* e de natureza não lexicais. Para ele, as regras estabelecidas pela linguagem deixam ampla liberdade para o indivíduo variar e usar a criatividade. Assim, “o significado de uma expressão metafórica tem de ser reconstruído a partir de intenções do orador (e outras pistas), porque as regras gerais de uso padrão são demasiado gerais para fornecer as informações necessárias”. (BLACK, 1962, p. 277)

Dessa maneira, Max Black admite que a metáfora resulta tanto da pragmática quanto da semântica e que importante, relativamente à sua eficácia, não é que os lugares comuns sejam verdadeiros, mas que sejam suscetíveis de uma evocação fácil e livre (RICOEUR, 2000). Max Black (1993) afirma que o significado de uma metáfora é algo *novo* e *criativo*. Para sustentar tal ponto de vista, admite que há *uma inescapável indeterminação na noção de um determinado enunciado metafórico*, o qual “pode estar disponível para o uso repetido, adaptado e modificado por uma variedade de falantes em diferentes situações de uso”. (BLACK, 1993, p. 24)

A teoria interacionista utiliza-se dos recursos da *linguagem* para produzir metáforas, mas é a partir dos atributos *cognitivos* e pelas conexões que se estabelecem entre esses aspectos é que a metáfora, em si, se justifica. Assim, compreendemos que tal teoria busca entender o fenômeno da metáfora em sua complexidade, pois se envolvem nesse processo tanto fatores cognitivos quanto linguísticos.

Quanto à *teoria da metáfora conceptual*, esta surgida a partir da década de 1970, tem como representantes George Lakoff e Mark Johnson. Para esses pesquisadores a metáfora é primordialmente conceptual e faz parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem. Os autores sustentam que o sentido de uma frase é dado em termos de uma estrutura conceptual e que boa parte dessa estrutura é metafórica por natureza.

A metáfora é vista como um mecanismo do pensamento e, por conseguinte, do raciocínio. Responsável pela criação de novos sentidos e de novas realidades, ela é como uma projeção mental, que tem como função estruturar o sistema conceptual formal, o qual determina a forma como o homem pensa, raciocina e imagina no seu dia-a-dia. Essa projeção é estabelecida de um domínio fonte em um domínio alvo, permitindo a construção das expressões metafóricas, que são, assim, reconhecidas linguisticamente. O *domínio alvo* e o *domínio fonte* correspondem ao que na teoria interacionista chamamos *tópico* e *veículo*, respectivamente.

Para George Lakoff e Mark Johnson (1980), as experiências indi-

viduais, a cultura, a história e ideologia têm papel importante na produção das metáforas que utilizamos. Para mostrar que os enunciados que constituem as expressões metafóricas são formas de pensar e de agir, e não apenas meios de dizer, os autores destacam três modalidades de metáforas: (i) as *orientacionais*, (ii) as *estruturais* e (iii) as chamadas *metáforas ontológicas*.

As metáforas *orientacionais* são responsáveis por organizar todo um sistema de conceitos em relação a outro. São assim nomeados porque a maioria deles tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de fundo – raso, central – periférico. Essas orientações metafóricas têm uma base na nossa experiência física e cultural. Elas nos dão um conceito e uma orientação espacial, como por exemplo: FELIZ É PARA CIMA – TRISTE É PARA BAIXO<sup>1</sup>. Esse fato leva-nos a compreender expressões como “estou me sentindo para cima”, “meu astral subiu”, “estou me sentindo para baixo” ou “eu caí em depressão”, dentre muitas outras.

Para ilustrar as metáforas *estruturais*, os autores tomam como exemplo a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, onde DISCUSSÃO representa o domínio alvo e GUERRA representa o domínio fonte. Nesse caso, a projeção funciona por filtrar das propriedades do domínio fonte aquelas que mais se aproximam do domínio alvo, ao qual tais propriedades devem ser associadas. Os autores sustentam que o sentido de DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivenciamos na nossa cultura e que estrutura as ações que realizamos numa discussão; está presente em expressões como: “seus argumentos são indefensáveis”, “suas críticas foram direto ao alvo”, “você não concorda? Ok, atire! Ok, ataque!”, “ele derrubou todos seus argumentos” etc. Dessa maneira, há uma batalha verbal que reflete na estrutura de uma discussão.

Outro exemplo de metáforas estruturais é o caso da *metáfora do canal*, que os autores consideram uma metáfora complexa. Constituída por uma rede de metáforas conceptuais, a metáfora do canal revela como um conceito metafórico pode esconder um aspecto importante de nossa experiência. Esse é um exemplo de como a nossa linguagem sobre a própria linguagem é estruturada por metáforas mais complexas, como:

---

<sup>1</sup> George Lakoff e Mark Johnson (1980) sugerem que metáforas conceptuais devem ser grafadas com letras maiúsculas. Enquanto as expressões metafóricas que sustentam tais metáforas devem ser grafadas com letras minúsculas. (FOSSILE, 2011, p. 50, nota 20)

IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAÇÃO É ENVIAR.

Dessa maneira, no ato da comunicação, o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objeto das palavras recipientes. Alguns exemplos desse tipo de metáfora são: “é difícil *passar* aquela ideia *para* ele”, “eu lhe *dei* aquela ideia”, “é difícil *pôr* minhas ideias em palavras”, “a frase está *sem* sentido” etc.

O terceiro tipo de metáfora, de que tratam George Lakoff e Mark Johnson, são as metáforas *ontológicas*, também chamadas de metáforas de entidade e de substância. Essas metáforas nos permitem lidar racionalmente com nossas experiências sobre o mundo, uma vez que compreendermos “nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme”. (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 75)

Os autores apresentam a metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, gerada a partir da nossa experiência com relação a preços. Assim, INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, por sua vez, fornece um meio de nos referirmos a experiências, como “precisamos *combater a inflação*”, “a *inflação* está nos *colocando* num beco sem saída”, “comprar terra é a melhor maneira de se *lidar com a inflação*”, “a *inflação* está *abaixando* o nosso padrão de vida”, dentre muitas outras. “Conceber a inflação como uma entidade permite referirmo-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela”. (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 77)

As metáforas conceptuais são vistas por George Lakoff e Mark Johnson como imagens mentais (o pensamento metafórico propriamente dito) que apresentam diferentes formas de realização no nível linguístico. Para esses autores, metáforas desse tipo são uma parte do modelo de mente que temos em nossa cultura, um modelo em função do qual nós pensamos e agimos.

Discorreremos nesse tópico apenas algumas informações conceituais a respeito da metáfora. Porém, acreditamos que as teorias abordadas aqui devem se completar, na fundamentação de uma reflexão mais ampla acerca do assunto. Dessa maneira, entendemos que todas elas devem ser consideradas úteis para suscitar algum desdobramento na análise acerca do material didático selecionado.

### **3. O livro didático: uma construção histórica**

A literatura sobre o livro didático no Brasil passa a constar da história da própria indústria gráfica no país, ou seja, da virada do século XIX para o século XX. De acordo com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), é somente a partir de 1929 que a questão do livro didático passa a ser objeto de políticas governamentais, as quais foram aperfeiçoando-se, tiveram diferentes nomes e formas de execução, até chegar aos contornos atuais do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Essa literatura mostra que o livro didático, até a década de 1980, apresenta grande ineficiência pedagógica, fruto de uma série de problemas causados por ideologias alheias à realidade das camadas populares e da escola. O trato às questões escolares era dado de forma autoritária, burocrática e centralizadora, que acabava por impor distância entre as decisões tomadas e aqueles a quem elas se destinavam. (WITZEL, 2002; RODRIGUES-SILVA, 2015)

Somente no início da década de 80, iniciaram-se alguns avanços significativos nas questões inerentes ao livro didático, a política governamental de edição e distribuição desse material passa a se vincular às condições econômicas da criança (WITZEL, 2002). Essa preocupação, mesmo apresentando-se em caráter assistencialista e centralizador, suscita uma série de discussões, onde “começa-se a ser considerada com mais especificidades a proposta pedagógica e metodológica tanto no material do aluno como o no do professor”. (RODRIGUES-SILVA, 2015, p. 36)

Nessa ocasião, a equipe encarregada do exame dos problemas relativos aos livros didáticos propõe a participação dos professores na escolha dos livros e a ampliação do programa. Realiza-se, em 1985, a primeira versão do PNLD. Este, de forma gradativa, volta à universalização da distribuição do livro didático gratuito para todas as séries da educação básica, trazendo preocupações inéditas e significativas quanto à produção editorial, gráfica e didática, assinaladas pelas diretrizes educacionais para o programa do livro didático, além de incorporar novas tecnologias na sua logística editorial e valorizando pesquisas recentes sobre a educação.

O processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, seguindo os critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC), teve início em 1996, com a criação de uma comissão composta por especialistas das diferentes áreas, a qual deve se incumbir da avaliação pedagógica e emissão de pareceres sobre os livros didáticos. Esses

pareceres constam no *Guia de Livros Didáticos*, criado no mesmo ano, com o intuito de (i) orientar os professores na escolha dos livros que serão utilizados na escola, (ii) facilitar o debate público e social acerca do próprio PNLD e (iii) apresentar os parâmetros de efetivação legal do Programa, contendo os elementos que norteiam os procedimentos de aquisição e de distribuição das obras nas escolas. (BRASIL, 2014)

Entretanto, a universalização do livro didático para todas as séries da educação básica ocorre quando se institui o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), em 2003. A escolha de livros para distribuição nas escolas se deu, pela primeira vez, de forma integral e orientada pelo *Guia de Livros Didáticos*, em 2011, cuja distribuição se deu no ano letivo de 2012. Como ocorrido em versões anteriores, o MEC colocou à disposição dos professores os princípios e critérios utilizados na avaliação das obras e as resenhas relativas às mesmas, todos via *Guia de Livros Didáticos*. (BRASIL, 2011)

Paralelo à implementação dessas políticas públicas para o livro didático e em decorrência delas, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas sobre questões didáticas. A preocupação quanto à *reflexão sobre a língua e a linguagem*, assim como à *(re)construção de conhecimentos linguísticos correspondentes*, é item que resulta dessas pesquisas e fundamental dentre os critérios de avaliação das atividades do livro didático. Esses conhecimentos são importantes para inovar os processos de ensino e com as determinações do PNLD, há um rigor maior na aplicabilidade desses novos conhecimentos e na inovação das práticas de ensino.

Dessa maneira, “um livro didático não pode desconhecer as conquistas propiciadas pelas teorias da aprendizagem, especialmente a partir das grandes sínteses produzidas na década de 1980” (BRASIL, 2014, p. 16). A melhoria na abordagem dos conteúdos de aprendizagem da Língua é imprescindível para que tomemos a enunciação e o discurso como “objetos de reflexão sistemática” (BRASIL, 2015, p. 38) e consideremos as relações que se estabelecem entre a linguagem verbal e outras linguagens, no processo de construção dos sentidos.

#### **4. Analisando o livro didático: qual a abordagem à metáfora?**

Iniciamos nossa análise com o livro *Português Contexto, Interação e Sentido*. Este traz um eixo de leitura explora bastante as discussões acerca de habilidades linguísticas, sobretudo, no que diz respeito à



compreensão das inferências que constituem estratégias para a construção dos sentidos almejados. A articulação de conhecimentos trabalhados para a produção e inferência de novos sentidos acontece ao longo do livro. Por conta disso, a metáfora é retomada, conceituada e exemplificada em partes diferentes do material.

Assim, a primeira definição do termo foi localizada no capítulo 02, que traz o título "Literatura é uma linguagem". Ao versar sobre o poder das *imagens* e de explorar os *sentidos*, as autoras trazem o seguinte conceito de metáfora:

• **Metáforas: afirmação de semelhanças inusitadas**

Um outro recurso linguístico que explora as possibilidades criativas da linguagem são as metáforas.

Em grego, o termo *metaphorá* significa mudança, transposição. Na origem das metáforas, portanto, existe um processo de substituição: aproximam-se dois elementos que, em um contexto específico, guardam alguma relação de semelhança, transferindo-se, para um deles, características do outro.


Dito assim, parece complicado, mas não é. Observe o seguinte poema de Sophia Andresen:

.....

**Novembro**

A respiração de Novembro verde e fria  
Incha os cedros azuis e as trepadeiras  
E o vento inquieta com longínquos desastres  
A folhagem cerrada das roseiras.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética III*.  
Portugal: Editorial Caminho, 1997. p. 41.



ILUSTR. GAZDARU

.....

Sabemos que um mês não "respira", porque a respiração é um atributo dos seres animados. O que significa, então, o primeiro verso do poema? Sophia Andresen era uma escritora portuguesa e, na Europa, o inverno começa no fim de setembro. Durante o inverno, o frio rigoroso faz com que a respiração das pessoas torne-se visível.

Com a metáfora da "respiração" de Novembro, Sophia Andresen torna mais "concreta", para o leitor, a ideia do ar gelado que atua sobre a natureza, desfolhando as árvores, destruindo a vida.

Figura 01: Conceito de metáfora (ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 28)

Essa definição é bastante tradicional, pois considera a metáfora como meramente linguística, (i) pautada na própria etimologia da palavra, do grego: *metaphorá*, que significa mudança e transposição, e (ii) com foco na teoria da substituição e da comparação. Rosa Maria Baptista Amaral (2009, p. 216) argumenta que, ambas as teorias são de inspiração aristotélica e resultam de um pensamento que confere supremacia à linguagem literal e atribui à metáfora a função de “valor estilístico ou ornamental pelo que em discurso é concebida como uma forma indireta de apresentação do significado literal”, no caso da teoria da substituição, “e tem subjacente uma comparação ou uma similaridade entre dois ou mais objetos”, no caso da teoria da comparação.

Percebemos, no entanto, que na figura acima, ao comentar o fragmento do texto que é tomado como ilustração para tal definição, o livro justifica o uso da metáfora “respiração” com ênfase no contexto e não pela lógica da substituição e similaridade. A interpretação do sentido pretendido com tal metáfora ocorre mediante a noção (a) da origem da autora, (b) do período de ocorrência do inverno europeu e (c) da interferência do ar gelado no processo de respiração humana. Esse entendimento envolve aspectos biológicos e geográficos, que vão além de um entendimento meramente linguístico.

A menção direta à metáfora é retomada no capítulo 10, sobre o conteúdo Barroco. Nesse ponto, a ênfase é dada à construção dos sentidos do texto, por meio da metáfora. Vejamos como isso acontece, através da *figura 2a* e *2b* abaixo, e como as autoras o esclarecem essa relação, *figura 2c*. As três figuras são recortes de um mesmo trecho.

### • A fábrica de metáforas

O trabalho com a linguagem é o segredo da construção das agudezas. Os poetas definiram um processo que os auxiliava a criar metáforas. O tema era submetido a uma análise baseada em dez categorias diferentes, como qualidade (quais são as características do tema), ação (o que ele pode provocar), etc. No fim desse processo, o poeta dispunha de dez espécies de definições que, combinadas, criavam imagens inesperadas. Veja o poema a seguir.

**Figura 2a: Conceito de metáfora**  
(ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 125)

**À Morte de F.**

Este Jasmim, que arminhos desacata,  
Essa Aurora, que nácares aviva,  
Essa Fonte, que aljôfares deriva  
Essa Rosa, que púrpuras desata:

Troca em cinza voraz lustrosa prata,  
Brota em pranto cruel púrpura viva,  
Profana em turvo pez prata nativa,  
Muda em luto infeliz tersa escarlatea.

Jasmim na alvura foi, na luz Aurora,  
Fonte na graça, Rosa no atributo,  
Essa heroica Deidade, que em luz repousa.

Porém fora melhor que assim não fora,  
Pois a ser cinza, pranto, barro, e luto  
Nasceu Jasmim, Aurora, Fonte, Rosa.

|                             | Metáforas  | Atributos            |
|-----------------------------|--|----------------------|
| 1ª estrofe:<br>Vida         | Jasmim   | Cor branca           |
|                             | Aurora   | Cor rosada           |
|                             | Fonte  | Gota-d'água perolada |
|                             | Rosa   | Cor vermelho-escuro  |
| 2ª estrofe:<br>Morte        | Cinza  | Voracidade           |
|                             | Pranto   | Crueldade            |
|                             | Pez  | Turvação             |
| 3ª estrofe:<br>Vida         | Luto   | Infelicidade         |
|                             | Jasmim   | Alvura               |
|                             | Aurora   | Luz                  |
|                             | Fonte  | Graça                |
| 4ª estrofe:<br>Vida e Morte | Rosa   | Peculiaridade        |
|                             | Repetição das metáforas da morte (cinza, pranto, barro, luto) e da vida (jasmim, aurora, fonte, rosa). Não há novos atributos. O poeta reúne todas as metáforas que apareceram anteriormente no poema. |                      |

VASCONCELOS, Francisco de.  
In: PÉCORA, Alcir (Org.). *Poesia seiscentista: Fênix renascida*. 6 Postilhões de Apolo. São Paulo: Hedra, 2002. p. 150.

**Arminhos:** mamíferos carnívoros de pelagem branca no inverno. Em sentido figurado: aquilo que é muito alvo, muito branco.  
**Nácares:** madreperolas. Em sentido figurado: cor rosada, carmim.  
**Aljôfares:** gota-d'água com aspecto de pérola. Em sentido figurado: gota de orvalho.  
**Púrpuras:** cores vibrantes, tendentes para o roxo.  
**Pez:** piche.  
**Tersa:** pura, limpa.  
**Escarlatea:** de cor vermelha muito viva, escarlate.  
**Deidade:** divindade.

**Figura 2b: Conceito e imagens metafóricas (ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 125)**

O soneto desenvolve o tema da morte e ilustra como ela chega após um processo de transformação que destrói tudo o que havia de belo na vida. Nesse caso específico, a sra. F., uma mulher caracterizada como divina, é reduzida a cinzas por efeito da morte.

Em termos formais, o soneto foi organizado pelo desdobramento de quatro metáforas (jasmim, aurora, fonte e rosa), que representam as qualidades superiores da sra. F. O movimento entre vida e morte é construído pela alternância entre as metáforas da vida (apresentadas na primeira, terceira e quarta estrofes) e as da morte (presentes na segunda e quarta estrofes).

**Figura 2c: comentários sobre imagens metafóricas dentro do texto "À Morte de F." (ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 125)**

Observe a metáfora, conceituada na figura 2a, é categorizada e utilizada como um recurso que possibilita a construção de imagens, a partir de dados conceito. Essa questão ilustrada através do conceito de vida e morte no texto "A Morte de F.", contido na figura 2b. No quadro explicativo, as autoras listam as metáforas construídas ao longo dos versos (primeira coluna) e os atributos atribuídos a cada uma delas dentro do

texto (segunda coluna). Esses atributos são fruto da interação que ocorre entre o veículo, a palavra tomada metaforicamente (primeira coluna), e o restante do enunciado, ou o tópico da sentença.

Para Max Black (1993), a afirmação metafórica tem dois assuntos distintos, o "primário", que é a parte da sentença tomada literalmente, e o "secundário", que é o veículo da metáfora, o termo tomado metaforicamente, este exposto na primeira coluna do quadro explicativo (*figura 2b*). A enunciação metafórica “funciona por *projetar* sobre o sujeito primário um conjunto de *implicações associadas*, compreendido no complexo implicativo, que são previsíveis do assunto secundário” (BLACK, 1993, p. 28). O resultado dessa projeção é uma interação entre os sentidos do tópico e do veículo metafórico, que resulta na identificação dos atributos atribuídos a cada metáfora (segunda coluna do quadro explicativo).

Conforme esclarecido no recorte da *figura 2c*, a construção dos sentidos metafóricos, no soneto em questão, é dada pela relação que se estabelece entre o conceito de *vida* e de *morte*. Esses conceitos são explorados através de imagens identificadas (i) na primeira e terceira estrofe, que são correspondentes ao conceito de vida, e (ii) na segunda estrofe, que correspondem ao conceito de morte. Os dois conceitos, *vida* e *morte*, são lapidados paralelamente ao longo do texto, por meio de metáforas, permitindo que sejam retomados nas duas últimas estrofes, para, finalmente, serem realçadas as suas diferenças e identificado o antagonismo existente entre ambos.

Essa estratégia de construção de sentido pode ser identificada como *metáfora estendida*. Para Heronides Murílio de Melo Moura (2012), a metáfora estendida é uma técnica usada para alongar uma metáfora, explorando as analogias ou diferenças entre dois conceitos. Para esse autor, a mesma metáfora de base pode se “alongar em vários aspectos que podem ser metaforizados” (MOURA, 2012, p. 127). Esses aspectos podem ser entendidos na explicação do livro como as próprias categorias, qualidade, ação, etc. Sugeridas na figura 2ª para a criação de metáforas.

Feito essas considerações, o livro retoma a definição de metáfora, caracterizando-a como *Figura de palavras*, dentro do conteúdo *Figuras de linguagem*, no capítulo 17. Estas definidas da seguinte maneira:

▼ Tome nota

**Figuras de linguagem** são recursos estilísticos utilizados no nível dos sons, das palavras, das estruturas sintáticas ou do significado para dar maior valor expressivo à linguagem.

**Figura 3a: Conceito de Figuras de linguagem**  
(ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 221)

Percebemos que a definição dada a *Figuras de linguagem* é também tradicional, ou seja, palavras ou expressões com função *estilística*, “utilizadas no nível dos sons, das palavras, das estruturas sintáticas ou do significado para dar maior valor expressivo à linguagem”. Essa é uma definição aristotélica da metáfora, a qual acreditava ser a metáfora um elemento ornamental da linguagem. Para Rosa Maria Baptista Amaral (2009, p. 213), deve-se a Aristóteles a ideia de que “a capacidade em criar/fazer metáforas distingue os seres eloquentes dos seres banais, pelo que só está acessível aos homens que possuem um talento especial”, ou a “prerrogativa na capacidade de intuir ou perceber similaridades”.

O livro didático em análise traz a metáfora dentro da subcategoria *Figuras de palavras*. Entretanto, a ênfase da definição desse termo está na palavra enquanto unidade léxica e a metáfora definida a partir do aspecto linguístico apenas. Vejamos as *figuras 3b* e *3c* a seguir:

**Figuras de palavra**

Quando usamos uma palavra em um contexto pouco esperado, ela pode adquirir um novo sentido. Alguns deslocamentos de contexto são tão frequentes na língua, que passaram a ser reconhecidos como recursos de estilo chamados de **figuras de palavra**.

**Figura 3b: Conceito de figuras de palavra**  
(ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 225)

A explicitação sobre *Figuras de palavras*, na *figura 3a* acima, é passível de questionamento, uma vez que não define exatamente o que venha a ser “figuras de palavra”. As autoras afirmam apenas que palavras usadas “em um contexto pouco esperado”, podem adquirir um novo sentido. Na sequência, dizem que figuras de palavra são alguns *deslocamentos de contexto* que se tornam reconhecidos como recursos estilísticos. Porém, não esclarecem o que venha a ser *deslocamento de contexto*. Vejamos como a metáfora é conceituada dentro dessas *figuras de palavras*:

• **Metáfora**

A mais conhecida das figuras de palavra, a metáfora, baseia-se na transferência (a palavra grega *metaphorá* significa *transporte*) de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. As metáforas são criadas a partir de uma relação de semelhança que pressupõe um processo anterior de **comparação**. Pode-se dizer, portanto, que a comparação está na base da formação das metáforas.

Jornais e revistas costumam usar metáforas em manchetes e títulos de reportagens para resumir a essência do que será dito, ou para chamar a atenção dos leitores.

**SAÚDE**  
**Prédios doentes.** *Ar-condicionado sem manutenção, poeira, goteiras e infiltrações. Atenção aos sintomas. Pois nesse mal quem sente as dores é você*

**MEIO AMBIENTE**  
**O semeador dos oceanos.** *Fabien Cousteau, neto do lendário explorador francês Jacques Cousteau, cria ONG para “plantar” espécies marítimas no mundo inteiro*

Nos exemplos, tanto a caracterização de edifícios como “doentes” (com problemas de manutenção), como a identificação de Fabien Cousteau como “semeador dos oceanos” (alguém que reintroduz espécies marítimas em diferentes oceanos) são feitas por meio de metáforas.

O uso de metáforas é tão frequente na linguagem que há até quem afirme que através delas compreendemos o mundo.

**Figura 3c: Conceito de metáfora**  
(ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 226)

Observamos na definição de metáfora, a partir do conteúdo "Figuras de linguagem", e, mais especificamente, dentro da subcategoria "Figuras de palavras", retoma o conceito já apontado no recorte da *figura 01*. Ou seja, a metáfora vista como recurso estilístico, ligada à etimologia da palavra, significando transporte ou transferência de termos.

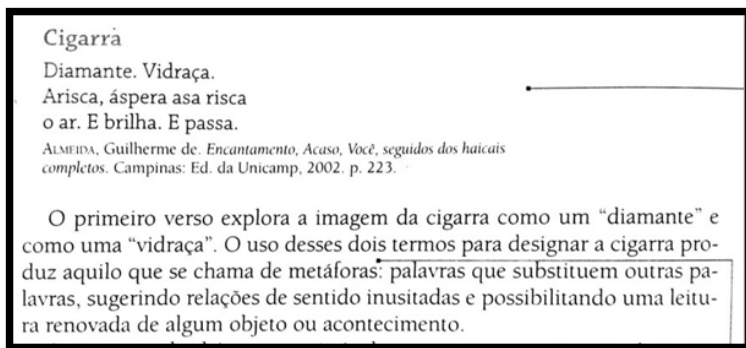
Entretanto, quando esclarecido o emprego da metáfora nos exemplos “doentes” e “semeador de oceanos”, há uma evolução no entendimento sobre o assunto. Percebemos que há interação das expressões metafóricas com o texto e não apenas uma substituição de termos. Para Max Black (1962; 1993), o significado da metáfora é algo que se realiza em contexto. Esse autor sustenta que “uma metáfora bem-sucedida é realizado no discurso, está consagrada no ‘texto’, e não precisa ser tratada como um crivo”. (BLACK, 1993, p. 23)

Além disso, a observação feita no último parágrafo do recorte, sobre a existência de estudiosos que consideram a metáfora frequente na linguagem e que através dela compreendemos o mundo, faz menção direta à teoria da metáfora conceptual de George Lakoff e Mark Johnson

(1980). Essa teoria considera a cognição humana, sustenta que pensamos e agimos por meio de um sistema conceptual ordinário, o qual é metafórico por natureza.

Com base nessa análise sobre o conceito de metáfora e exemplos dados, verificamos que o livro didático *Português Contexto, Interlocução e Sentido* considera, parcialmente, os estudos sobre metáfora, realizados a partir de meados do último século. Estes estudos consideram que a metáfora é um mecanismo, não apenas com função ornamental de embelezamento da linguagem, mas que considera o conhecimento, que produz e articula sentidos e seus respectivos efeitos. Essa evolução no entendimento da metáfora é percebida nos esclarecimentos sobre as ilustrações dadas pelo livro. A definição de metáfora em si, colocada pelas autoras, considera apenas a visão tradicional e meramente linguística, conforme apontamos.

Já o livro *Ser Protagonista Língua Portuguesa*, por sua vez, define a metáfora numa perspectiva de valorização de seus aspectos semânticos e de atualização dos princípios teóricos, embora, pouco a menciona no decorrer dos estudos sobre as questões linguísticas e de leitura. A primeira definição ao assunto ocorre no primeiro capítulo do livro, que versa sobre conceito de literatura. Ao discorrer sobre *o poder das imagens e dos sons*, o material traz a seguinte definição:



**Figura 04: Conceito de metáfora (EDIÇÕES SM, 2013, p. 19)**

Observe que pela definição “palavras que substituem outras palavras, sugerindo relações de sentido e possibilitando uma leitura renovada de algum objeto ou acontecimento”, o livro didático ressalta o caráter inovador e criativo da metáfora. Ao admitir que a metáfora estabelece “relações de sentido inusitadas”, o livro dá a entender que existe intera-

ção entre os elementos envolvidos e que o significado de uma metáfora “é tipicamente novo ou criativo”. (BLACK, 1993, p. 23)

A metáfora volta a ser mencionada no capítulo 10, o qual versa sobre *linguagem e sentido*; dessa vez, dentro das *figuras de linguagem*. O conceito de figuras de linguagem ocorre com vistas à construção de sentidos e é dado e comentado a partir de um texto. Veja *figuras 5a e 5b*:

**▶ Figuras de linguagem**

- A seguir, Manoel de Barros compara a profissão do poeta e a do arqueólogo.

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. [...] Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003. p. 11.

Figura 5a: Texto ilustrativo sobre Figuras de linguagem (EDIÇÕES SM, 2013, p. 252)

Para falar sobre sua relação com o fazer poético, o narrador aproxima palavras com sentidos aparentemente incompatíveis. Não parece possível realizar o ato de “escovar palavras”, já que elas são signos, sem existência material. A imagem revela o mecanismo de construção da mais conhecida das **figuras de linguagem**, a **metáfora**: a identificação de semelhanças entre coisas aparentemente diferentes.

Os estudos sobre o sentido figurado buscaram organizar as múltiplas relações entre significantes e significados nas figuras de linguagem e esclarecer que tipo de lógica rege essas relações.

Embora os resultados dessa organização sejam variados, em geral mostram um traço comum a todas as figuras: a **opacidade**. *Opaco* é antônimo de *transparente*. Ao chamar a linguagem figurada de *opaca*, os estudiosos evidenciam duas tendências das figuras.

A primeira é se deixar perceber predominantemente como **linguagem**. Quanto mais se aproxima do sentido denotativo, menos a linguagem é percebida, porque se torna “automatizada”. As figuras, por associar sentidos inusitados aos enunciados, exigem uma atenção nova para a construção de sentidos. Nesse momento a linguagem é lembrada e se torna densa, espessa (opaca).

A segunda é o fato de o sentido figurado, ao mesmo tempo, revelar a **materialidade** da linguagem – sua sonoridade, musicalidade – e a capacidade do ser humano de, a partir dessa materialidade, construir **imagens** – e assim recuperar, na sua imaginação, a existência real das coisas. Daí as manifestações do sentido figurado serem chamadas de **figuras de linguagem**.

**ANOTE**

Figuras de linguagem são recursos linguísticos que exploram os sons, os sentidos e as estruturas da língua, bem como suas relações com as coisas do mundo, para criar sentidos novos e expressivos.

Figura 5b: Conceito de figuras de linguagem (EDIÇÕES SM, 2013, p. 252)



A definição de figuras de linguagem colocada pelo recorte acima traz uma justificativa plausível para o uso do termo, algo raro nas explicações sobre o assunto encontradas nos materiais didáticos em uso. Os autores realçam a característica básica desse conjunto de mecanismos linguísticos, que é a opacidade enquanto antônimo de transparência. Essa opacidade pode ser entendida como a ambiguidade, que, para Max Black (1993, p. 29), é “subproduto necessário na interpretação da metáfora”.

Para os autores do livro, as relações entre significantes e significados, nas figuras de linguagem, são regidas por algum tipo de *lógica*. Afirmam, referindo-se a outros “estudiosos”, que duas tendências evidenciam a opacidade (i) a atenção nova que é requerida para a construção, resultando em enunciados com associação de *sentidos inusitados*, contrário à automatização do sentido denotativo, que se distancia da linguagem *lembrada, densa, espessa*, diferente e contrária ao falar literal; e (ii) ao mesmo tempo em que esse sentido figurado revela materialidade da linguagem, constrói imagens que recuperam a imaginação sobre a existência real das coisas.


As figuras de linguagem *exploram* “as relações com as coisas do mundo, para criar sentidos novos e expressivos”. Essa definição é bastante significativa para falarmos de metáfora. Uma colocação sobre a mesma é anteposta ao conceito de *Figuras de linguagem*. Os autores afirmam que a metáfora é a “mais conhecida das figuras de linguagem”, cuja “identificação de semelhanças entre coisas aparentemente diferentes” lhes constitui um “mecanismo de construção” semântica. Assim, a metáfora é vista como “uma ampliação de nossa capacidade de comparar” (MOURA, 2012, 24). Por esse pensamento, a metáfora compara coisas muito diferentes e, através dessa analogia, acaba por criar uma categoria, onde insere seres, que, no mundo real, são separados.

Pela definição de metáfora contida na *figura 06* abaixo, percebemos que os autores do livro consideram o sentido metafórico como algo resultante da fusão entre os termos envolvidos. Essa é uma explicação concernente à teoria interacionista da metáfora. É perceptível no exemplo “poemas são pássaros” (no mesmo recorte da *figura 06*), a presença do tópico *poemas* (elemento sobre o qual se predica) e do veículo *pássaros* (elemento predicado, termo tomado metaforicamente). Observe o recorte abaixo:

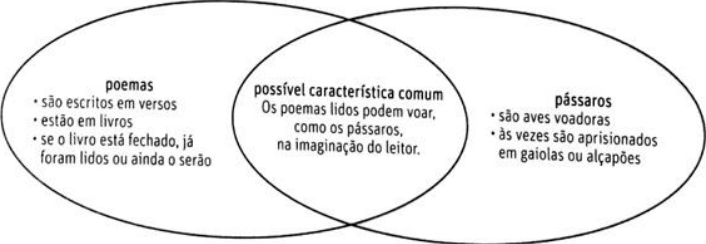
**Comparação e metáfora**  
Leia o fragmento de um poema de Mario Quintana.

Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.  
Quando fecha o livro, eles alçam voo  
como de um alçapão.  
[...]

QUINTANA, MARIO. Os poemas. In: *Escondidos do tempo*. São Paulo: Globo, 2005. p. 27.



Ao chamar os poemas de pássaros, o eu lírico aproxima esses elementos tão distintos por meio de uma característica comum. Ela não é explicitada, o que obriga o leitor a reconstruí-la.



**poemas**

- são escritos em versos
- estão em livros
- se o livro está fechado, já foram lidos ou ainda o serão

**possível característica comum**  
Os poemas lidos podem voar, como os pássaros, na imaginação do leitor.

**pássaros**

- são aves voadoras
- às vezes são aprisionados em gaiolas ou alçapões

A **metáfora**, portanto, equipara dois elementos a partir de uma relação de semelhança, sem que essa característica comum seja explicitada. Um elemento se funde ao outro, um sentido associado a um elemento é deslocado para o outro. Os poemas, aqui, não são *como* pássaros; eles *são* pássaros. Se houvesse sido explicitada a semelhança, por meio da conjunção *como* ou *tal qual*, teria sido construída uma **comparação**. É o que ocorre nos dois últimos versos: os poemas alçam voo, dos livros, como os pássaros alçam voo de um alçapão.

**Figura 06: Conceito de metáfora, (EDIÇÕES SM, 2013, p. 254)**

O esquema exibido mostra que há uma intersecção semântica entre os termos do enunciado metafórico e que os “atributos e estereótipos” (BLACK, 1993; 1962) de um são *deslocados para o outro*. Essa interação, para Max Black (1993, p. 28), acontece com base na visão de *sistema de lugares comuns associados*, onde a declaração metafórica funciona por “projetar” sobre o sujeito primário (tópico) um conjunto de “implicações associadas”, que são previsíveis do secundário (veículo).

Abaixo uma ilustração dessa projeção, com o exemplo “poemas são pássaros”, considerando as *implicações associadas* e previsíveis a cada elemento: seleciona-se certas propriedades do sujeito secundário; constrói-se uma implicação do complexo paralelo que pode caber o sujeito principal, e; induz-se mudanças paralelas na matéria secundária.



- ✓ São escritos em versos
- ✓ Estão em livros
- ✓ Se o livro está fechado, já foram lidos ou ainda o serão

No novo sentido, constituído a partir da interação, nem o primeiro elemento (poemas) e nem o segundo (pássaros) são vistos em sentido original, mas a partir de um sentido novo, o sentido metafórico. Logo: *Os poemas lidos podem voar, como os pássaros, na imaginação do leitor.*

## 5. Considerações finais

Verificamos, por meio da análise sobre a metafórica nos livros didáticos em questão, que estes consideram, ainda que parcialmente, as pesquisas realizadas sobre o assunto, a partir de meados do último século. Vejamos, por meio da ilustração abaixo, em que aspectos isso se observa.

| Livro   | I - Português Contexto, Interlocução e sentido  | II - Ser Protagonista Língua Portuguesa   |
|---|---|---|
| Atualização teórico-metodológica<br>Conceito/exemplos | Não   | Sim   |
| Natureza da abordagem                                 | <i>Tradicional</i> , com valorização de aspectos meramente linguísticos no conceito e ilustrações convidativas à ampla discussão. | <i>Interacionista</i> , com valorização de aspectos semânticos, tanto no conceito como nas ilustrações. |
| Diálogo entre conceito dado e ilustrações             | Não   | Sim   |

**Tabela: Síntese comparativa sobre a abordagem metafórica nos livros *Português Contexto, Interlocução e sentido* e *Ser Protagonista Língua Portuguesa***

A tabela acima sintetiza a nossa análise a respeito do corpus, com vistas aos aspectos: *atualização teórico-metodológica*, *natureza da abordagem* e, *diálogo entre conceito e ilustração*. Observamos que o livro II traz uma abordagem mais discursiva da metáfora, tanto no conceito, co-

mo nos esclarecimentos acerca das ilustrações colocadas. Já no livro I, tal inovação aparece apenas nas explanações sobre os exemplos dados, a definição do termo metáfora, entretanto, ainda está presa a sua etimologia, dando ênfase à visão tradicional sobre o assunto.

Percebemos que a abordagem tradicional da metáfora ainda está presente livros didáticos atuais, conforme a segunda coluna da tabela. As explanações acerca das exemplificações, por sua vez, são mais contextualizadas e consideram, quase sempre, as estratégias didático-metodológicas de construção dos sentidos e apreensão dos conteúdos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza Marques; ABAURRE, Maria Bernadete Marques; PONTARA, Marcela. *Português contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2013.

AMARAL, Rosa Maria Baptista. *A metáfora na compreensão e interpretação do texto literário*. 2009. Tese (Doutorado em Psicolinguística). – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

BLACK, Max. More about Metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Metaphor. In: \_\_\_\_\_. *Models and metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, 1962, cap. 3. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 10-2015.

FOSSILE, Dieysa Kanyela. Um passeio pelos estudos da metáfora. *Revista de Letras*, Curitiba, 2011a.

\_\_\_\_\_. *O significado aspectual na interpretação de metáforas verbais*. 2011b. Tese (Doutorado em Letras/Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 198

MOURA, Heronides Murílio de Melo. *Vamos pensar em Metáforas?* Editora Unisinos, São Leopoldo, 2012.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad.: Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

RODRIGUES-SILVA, Camila. *Diálogo entre os critérios de avaliação do PNL D e o tratamento didático em livro didático*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2015.

WITZEL, Denise Gabriel. *Identidade e livro didático: movimentos identitários do professor de língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.